

SCRIPTS EM CENA: HIV E MERCADO SEXUAL NO CONTEXTO TURÍSTICO¹

Renata Bellenzani^{*}
Cely Blessa[#]
Vera Paiva[¶]

RESUMO. A atividade turística tem impacto também na saúde das populações de comunidades anfitriãs. Com base em estudo etnográfico e em 14 entrevistas com monitores(as) de turismo ambiental, o objetivo deste artigo é analisar como o *cenário sexual* no contexto do turismo e seus *scripts* sexuais constroem a vulnerabilidade de caçaras às DSTs/HIV e ao mercado sexual. *Scripts* sexuais tradicionais operacionalizados num cenário de “curtição”, “prazer”, “desinibição sexual”, evidenciaram desigualdades sociais entre caçaras e turistas que ampliam a vulnerabilidade dos jovens às DSTs/HIV e à mercantilização de sua sexualidade. Os *scripts* sexuais femininos (passividade/ingenuidade) dificultavam a negociação do preservativo nas cenas sexuais coletadas; os “mais pró-ativos” eram interpretados como disponibilidade para “programas”. Os *scripts* “não negar fogo”, “catar as turistas” também ampliavam a vulnerabilidade dos rapazes. O contexto turístico constrói um cenário sexual singular e atravessa as trajetórias socioafetivas dos moradores. Seu impacto deve ser considerado por políticas e programas de saúde locais.

Palavras-chave: turismo, DST/HIV, sexualidade.

SCRIPTS IN SCENE: HIV AND SEXUAL MARKET IN THE CONTEXT OF TOURISM

ABSTRACT. Tourism creates social, cultural and health impacts on host communities. Current paper analyzes, through an ethnographic study and 14 interviews with young ecotourism guides, how the sexual scenario in the tourism context and its sexual scripts construct the vulnerability to STD/HIV and to commercial sex among young “caçaras”. Traditional sexual scripts, operated by “sex playing”, “pleasure,” “no sexual inhibition” scenario, revealed social inequalities among “caçaras” and tourists and expanded the young people’s vulnerability to STD/HIV and the commercialization of sexuality. Female sexual scripts (passive/naïve) impaired the condom negotiation in collected sexual scenes. The “more autonomous” scripts were interpreted as availability for “sexual program”. The “non-failing” and “pick the tourists” scripts also broadened the vulnerability of young males. The tourist context builds a unique sexual scenario and crosses the local residents’ social-affective trajectory. Political and local health programs must take seriously into account the tourism impact.

Key words: Tourism, STD/HIV, sexuality.

SCRIPTS EN ESCENA: HIV Y MERCADO SEXUAL EN EL CONTEXTO TURÍSTICO

RESUMEN. El turismo genera impactos socioculturales y también en la salud de las poblaciones de comunidades anfitrionas. Con base en observación etnográfica y 14 entrevistas con monitores (as) del turismo ambiental el artículo analizará el *escenario sexual* y la operación de los *scripts* sexuales en la construcción de la vulnerabilidad de jóvenes nativos del lugar para con la(s) ITS/SIDA y al mercado sexual. *Scripts* sexuales tradicionales empleados en el escenario de “diversión”, “placer”, “desinhibición sexual”, evidenciaran desigualdades sexuales entre jóvenes nativos del lugar y turistas y amplían la vulnerabilidad a las ITS/SIDA y a la comercialización de su sexualidad. Los *scripts* sexuales femeninos (pasividad/ingenuidad) dificultaron la negociación del condón en las escenas colectadas; los *scripts* “más autónomo” han

¹ Apoio: Instituto Ing_Ong de Planejamento Sócio-ambiental, Associação Cairuçu, Associação dos Monitores Ambientais de Paraty, Associação dos Monitores Ambientais de Iguape e Grupo Ecológico do Guaraú e CNPq.

^{*} Mestre em Psicologia Social e do Trabalho. Pesquisadora do Núcleo de Estudos para Prevenção da Aids/ NEPAIDS, Universidade de São Paulo-USP. Professora assistente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

[#] Mestre em Psicologia Social e do Trabalho. Pesquisadora do Núcleo de Estudos para Prevenção da Aids/ NEPAIDS/USP e psicóloga do Serviço de Extensão e Atendimento de Pacientes HIV/AIDS da Divisão de Moléstias Infecciosas e Parasitárias do HCFMUSP.

[¶] Professora Livre Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Pesquisadora e coordenadora do NEPAIDS/ USP.

Autoras convidadas.

interpretado como disponibilidade para “programas”. Los *scripts* de “nunca negarse al sexo”, “ligarse con las turistas”, también ampliaban la vulnerabilidad para los chicos. El contexto turístico desarrolla un escenario sexual singular y atraviesa las trayectorias socio afectivas de los habitantes. Su impacto debe ser considerado por políticas locales y sus programas de salud.

Palabras-clave: Turismo, ITS/SIDA, sexualidad.

A construção histórica do turismo como atividade de massa instigada pela curiosidade e prazer, assim como do turista enquanto um tipo social, é relativamente recente. Generalizou-se na Europa e nos Estados Unidos em meados do século XIX, e no Brasil, foi apenas nas primeiras décadas do século XX que teve início o turismo organizado (Castro, 1999). A indústria do turismo, definida por Barreto (2003) como um complexo ofertado na forma de serviços, espaços e equipamentos a serem consumidos e utilizados pelo fluxo de turistas, tem promovido a idéia de que essa atividade constitui uma via direta para o desenvolvimento socioeconômico das comunidades tradicionais; idéia que pode ser ilusória, pois nem sempre o benefício ou lucro gerado retorna a estas (Ouriques, 2005).

O debate sobre os impactos socioeconômicos e culturais da atividade turística sob a ótica das populações locais aponta questões como: a proliferação de doenças decorrentes das condições de saneamento ambiental; o aumento das infecções por DSTs/HIV/hepatites em decorrência de relações sexuais desprotegidas envolvendo turistas e moradores locais, turistas e profissionais do sexo e turistas entre si; o incremento do mercado do sexo, incluindo tanto a prostituição profissional como a exploração sexual de jovens; as emergências médicas decorrentes do uso de álcool e outras drogas pelos turistas (acidentes de trânsito, afogamentos, mortes por overdose) e o aumento do consumo dessas substâncias entre os jovens nativos (Santos, 2004; Santos & Paiva, 2005, 2007b; Paiva, Blesa, Bellenzani et al., 2007).

Alguns estudos têm chamado a atenção para a singularidade das interações sócio-sexuais em regiões litorâneas em função do fluxo sazonal de pessoas, das especificidades socioculturais que significam o Brasil como país sexualmente “desinibido” (Parker, 1991) ou da exposição dos corpos em relações de sociabilidade à beira-mar (Heilborn, 1999b).

O cenário do mar e da praia já foi socialmente significado como um ambiente inóspito e hostil para a presença humana. Tornou-se um atrativo quando foram associados ao litoral os sentidos de lazer, alegria, descontração, exposição dos corpos, a idéia de paraíso, jardim das delícias e desestressor da vida daqueles que residem nas metrópoles. De modo

sintético, as representações do litoral estão vinculadas às noções de desejo, espetáculo e terapia (Coriolano, 2007).

O potencial do contexto do turismo das cidades litorâneas para ampliar o impacto das desigualdades de gênero, classe social e cor/etnia na construção social da vulnerabilidade às DSTs e à aids será discutido no presente artigo. A população estudada compunha-se de representantes de moradores das comunidades tradicionais, descendentes de índios, brancos e quilombolas que, além de suas atividades principais - como barqueiro ou pescador (no caso dos homens) e camareira ou artesã (no caso das mulheres) - atuavam como monitores (as) ambientais², conduzindo os turistas aos atrativos ecológicos e históricos dos municípios estudados. As atividades tradicionais de agricultura, pesca e extrativismo sofreram restrições devido à transformação de muitos locais em áreas de proteção ambiental, o que parece ter intensificado a atividade turística, em especial o ecoturismo, como fonte relevante de trabalho e renda para a população local.

Inspirados pelos teóricos do chamado “campo contrucionista”, que definem a sexualidade como construção social (Gagnon & Simon, 1973; Parker & Aggleton, 1999), discutiremos a respeito do contexto do turismo delinear um “cenário sexual” singular, ou seja, uma esfera especificamente sexual do contexto cultural local que cria guias e *scripts* para as práticas e condutas desse domínio da vida, a sexualidade (Paiva, 2006). O conceito de *script* sexual tem permitido compreender como diferentes comunidades estruturam as possibilidades de interação sexual com regras que podem ser explícitas ou implícitas (Parker, 1991). Os *scripts* sexuais e de gênero estariam, portanto, ancorados em contextos socioculturais, não seriam generalizáveis e dependeriam dos significados das práticas realizadas em cada “cena sexual”, construídos em articulação com outros sistemas de organização da vida social nos quais são socializados (por exemplo, classe, gênero, religião) (Paiva, 1999, 2000, 2002a, 2006). Cada “cena sexual” é informada pelo cenário

² Atividade em construção na esfera nacional afinada com princípios como desenvolvimento social, turismo sustentável, educação e preservação ambiental.

sexual compartilhado, entretanto configura uma esfera mais plástica e dinâmica, onde as pessoas negociam e redimensionam, como sujeitos sexuais, os *scripts* nos quais foram socializados. Desse modo, cada cena é única e singular, ainda que se considere a trajetória de vida sexual de uma mesma pessoa ou que seja comparada às cenas sexuais de outra pessoa num mesmo cenário sexual.

OBJETIVOS

Este artigo analisará o cenário sexual no contexto turístico em duas regiões litorâneas brasileiras, problematizando de que modo suas características poderiam ampliar a vulnerabilidade de jovens moradores(as) dessas comunidades às DSTs/aids e ao mercado sexual. Descreverá o modo como os *scripts* sexuais são operacionalizados pelos(as) jovens locais nos encontros com os(as) turistas, a partir dos relatos sobre as cenas sexuais singulares, ancoradas num cenário sexual compartilhado.

MÉTODO

O presente artigo discutirá resultados de um estudo mais amplo intitulado “Cenários de

vulnerabilidade ao HIV/Aids no contexto turístico: envolvimento afetivo-sexual, mercado sexual e uso de álcool e outras drogas em comunidades caiçaras do litoral sul de São Paulo e do Rio de Janeiro”, que associou os métodos de observação etnográfica com apoio de agentes locais instrumentalizados como pesquisadores, entrevistas em profundidade e a realização de oficinas devolutivas dos resultados para a comunidade, na forma de Sociodrama. Diários de campo foram utilizados durante todos os procedimentos de coleta de dados.

Gravadas em áudio e transcritas, as 14 entrevistas que serão analisadas neste texto foram realizadas junto a monitores ambientais jovens (17 a 24 anos), de ambos os sexos, oito moradores no Litoral Sul do Rio de Janeiro e seis no Litoral Sul de São Paulo (ver Tabela 1). A quase-totalidade se autodeclarou não-branca (parda, morena, negra) e chegou ao ensino médio. A maioria (8) trabalhava em atividades associadas ao turismo, embora fossem frequentes os relatos de “bicos” (trabalhos sem registro, autônomos e/ou sazonais), principalmente na época de baixa procura turística. Com exceção dos que atuavam em negócio familiar, enfrentavam dificuldades de acesso a renda e trabalho. A tabela abaixo descreve o perfil dos monitores entrevistados (a letra H corresponde a homem e M a mulher).

Tabela 1. Perfil dos monitores.

Sexo	Idade	Cor	Escolaridade	Religião	Estado civil	Estado
H	20	Moreno	Ens. Médio Incompleto	Não	Solteiro	SP
H	20	Moreno	Ens. Médio Incompleto	Não	Solteiro	SP
H	22	Negro	Ens. Médio Incompleto	Católico	Solteiro	SP
H	20	Pardo	Ens. Fund. Inc.	Não	Solteiro	SP
M	19	Morena	Ens. Médio Incompleto	Católica	Solteira	SP
M	24	Branca	Ens. Médio	Espírita	Solteira	SP
H	22	Branco	Ens. Sup. Inc.	Católico	Morando Junto	RJ
H	21	Pardo	Ens. Médio	Evangélico	Solteiro	RJ
M	17	Negra	Ens. Fund. Inc.	Católica	Solteira	RJ
M	21	Branca	Ens. Médio	Evangélica	Solteira	RJ
M	22	Negra	Ens. Sup. Inc.	Evangélica	Solteira	RJ
M	21	"Morena pra Negra"	Ens. Médio	Ex-Evangélica	Solteira	RJ
M	20	"Preta pra Negra"	Ens. Fund.	Evangélica	Solteira	RJ
M	21	Branca	Ens. Médio	Católica	Solteira	RJ

As entrevistas buscaram levantar e descrever densamente cenas sexuais entre moradores e turistas, buscando explorar sua vulnerabilidade social (Aires, 2003) à infecção por DSTs/aids e envolvimento com o mercado sexual.

Os entrevistadores eram do mesmo sexo que os entrevistados. As entrevistas foram precedidas de processo de consentimento livre e esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de

Psicologia da Universidade de São Paulo. Garantiu-se a devolutiva dos resultados às comunidades locais, através do Sociodrama, processo que será abordado em outro artigo. Como em outros estudos (Santos & Paiva, 2007a) por meio do Sociodrama foram dramatizadas e debatidas cenas emblemáticas investigadas nas etapas anteriores.

O recurso de co-construção de cenas recolhidas da experiência dos entrevistados foi sempre utilizado com

o objetivo de fazer emergirem as dimensões social, programática e individual da vulnerabilidade, valorizando o plano das experiências, e não somente das crenças e opiniões (Blessa, 2008; Paiva, 2006). Adensava-se a narrativa das experiências em cena pela solicitação, por parte do entrevistador, da descrição detalhada, pelo entrevistado, de quem eram as pessoas envolvidas e com quem estavam (indivíduos, grupos), onde se encontravam (espaço), quando se deu a ação (tempo), o que estavam fazendo (ações, comportamentos) e qual o sentido da interação dinâmica entre os atores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contexto sociocultural e o cenário sexual nas comunidades turísticas

A equipe de pesquisa, junto com os agentes locais, que se constituíram como os primeiros informantes-chave na decodificação do cenário sexual, selecionou uma série de locais para a observação etnográfica da sociabilidade entre a juventude local e os (as) turistas. As observações ocorreram durante o dia e à noite em barracas de praia, praças e ruas centrais repletas de bares e lanchonetes. A temporada, o verão, a praia, a paquera, o fluxo de pessoas e a diversidade cultural - mas também, as diferenças sociais, a pobreza, o desemprego dos jovens - são alguns dos elementos dos cenários paulista e fluminense. Neste último destaca-se a presença do estrangeiro branco das classes sociais mais favorecidas.

Os locais observados assumiam diversos sentidos de acordo com o horário e o dia da semana. Por exemplo, uma das praças centrais de uma das comunidades paulistas estudadas, nas manhãs dos finais de semana era utilizada para feiras de artesanato local; à tarde se esvaziava e passava a ser ocupada por moradores mais velhos, que conversavam, ou dormiam nos bancos. No entardecer e durante a noite, o local era tomado pela população jovem, que circulava várias vezes ao redor da igreja central, enquanto outros avolumavam-se nas escadarias da igreja e nos bares a observar aqueles que passavam. Havia um clima presente de paquera, “azaração” entre moradores (as) e turistas, e essas interações estiveram mediadas pela presença de bebidas alcoólicas. Segundo uma das entrevistadas:

“[O lazer dos jovens é] mais de fim de semana. Os jovens saem lá pelas onze [da noite], dão uma volta na praça, quem tem carro liga o som alto. Tem o sambão também,

os jovens ficam no ancorado, bebem, fumam, usam droga, muitos usam droga” (mulher, branca, 24 anos, S. Paulo).

Nas duas regiões estudadas, observou-se a alta prevalência de uso de álcool pelos jovens, muitos com menos de 15 anos, sem que isso despertasse qualquer preocupação nas autoridades ou lideranças locais. O uso de álcool se associava a brigas e confusões, que invariavelmente envolviam os homens.

O cenário social do litoral de São Paulo revelou falta de perspectiva de emprego ou geração de renda, ausência de políticas públicas de educação, lazer e planejamento turístico para que a atividade não se torne predatória (Blessa, 2008). Na fala de uma informante:

“Aqui em relação a estudo é fraco. Não tem lazer. A gente fala que a cidade é boa pra criança e pra velho, pra aposentado e pra criança que tem liberdade de brincar. Pro jovem aqui é complicado. Se você quer ser uma coisa diferente... Se você quer ser pescador ou funcionário público, aqui é um paraíso, porque a cidade tem um custo de vida baixo” (mulher, branca, 24 anos, S. Paulo).

No Litoral Sul do Rio de Janeiro, a grande presença de turistas estrangeiros e de profissionais do sexo masculinos e femininos produzia um cenário que permitiu a observação de cenas sexuais mais explícitas nas ruas da cidade: “quando o agente local passou, um rapaz abaixou o guarda-chuva, mostrando o pau duro, para mostrar que estava trabalhando” (nota do diário de campo).

O cenário sexual das diversas cenas revelava-se em diferentes ambientes, “palcos” das cenas sexuais (Paiva, 2006) tais como a praia, o mar, as lanchas, a cachoeira, a trilha, a travessia de barco, os bares, as pousadas e hotéis, a barraca do *camping*, o forró e o *reggae* na praia e as baladas em geral. Observamos a co-ocupação dos ambientes de lazer por jovens moradores e pela juventude que frequenta as comunidades em períodos de férias, finais de semana e feriados. Nessa sociabilidade “mista” desenvolviam-se os contatos afetivo-sexuais nomeados de “ficar”, “azarar”, “catar”, “paquerar”.

As narrativas dos(as) entrevistados(as) e as observações nos espaços compartilhados para o lazer indicaram que a sociabilidade no contexto do turismo é marcada por intensa ambiguidade entre moradores (“os de cá”) e os turistas (“os de fora”), acirrada quando os envolvimento estão mediados por estereótipos, pelos *scripts* pré-concebidos de “turista”

e de “caçara” (Blessa, 2008). Os contatos inter-raciais e entre nacionalidades distintas, frequentes nas comunidades do Rio de Janeiro, por vezes eram mediados por estereótipos como “o gringo”, “a mulata”, “o negão” (Bellenzani, 2008).

As cenas sexuais coletadas confirmaram a existência de interações sócio-sexuais também mediadas pelo duplo atributo do erótico e do exótico (Ouriques, 2005), por exemplo, associando aos caçaras os atributos de virilidade e sensualidade. A exotividade relaciona-se com o olhar estereotipado, pela construção “do outro” (de lá, ou de cá) fortemente marcada pelas desigualdades entre moradores e turistas no acesso à renda, aos bens culturais, de lazer e consumo, bem como à educação, trabalho e renda.

Embora os entrevistados tivessem um nível satisfatório de informação sobre DSTs e métodos contraceptivos, valorizassem a prevenção e o sexo (mais) seguro, o consumo coletivo de álcool e drogas na “balada”, associado à prerrogativa de “curtir”, com a conotação de radicalizar, “fazer de tudo”, “se esbaldar”, pareceu contrário à idéia de responsabilidade, prudência e cuidado, reduzindo a chance de que o preservativo se integrasse às cenas sexuais, como exemplifica uma cena, emblemática de várias outras nesse cenário.

“Toma umas cachaças ou outra por aí, vai pra uma balada muito louca. E de repente encontra uma lá que... Você lembra do lado da pessoa que nunca viu na vida. E não sabe o que aconteceu [...]. Acaba perdendo o controle por ter bebido. Acontece muito [...]. Já ouvi muita menina falar: ‘Pô, acordei com um cara que nunca vi na vida, não sei quem que foi’. Ouvi gente que parou de beber por causa de uma situação desta: ‘Não sei quem é o cara, não sei o que eu fiz com o cara’. Ouvi muito de turistas e às vezes até com o pessoal daqui mesmo: ‘Ontem peguei uma mina que eu acho que nem lembra de mim’. ‘Pô, fiquei com esta mina ontem e ela nem falou comigo’. A gente fala: ‘Pô, acho que ela devia estar muito louca’ (homem, pardo, 24 anos, Rio de Janeiro).

O fenômeno da mercantilização das tradições culturais das comunidades descrito por Burns (2002) também pôde ser observado no âmbito da sexualidade, nas interações sócio-sexuais entre moradores(as) e turistas. As trocas sexuais (Moraes, 1998) na forma de convites para “baladas”, “passeios de barco”, “conhecer o hotel”, “jantar”, entre outras, integram o cenário sexual das comunidades e ampliam a

vulnerabilidade social de jovens de ambos os sexos ao envolvimento com o mercado sexual, em especial no Litoral Sul do Rio de Janeiro. Os convites para “programas” ou para “práticas sexuais em grupo”, com ou sem pagamento em dinheiro, indicaram diferentes “roupagens” do mercado sexual, raramente percebida pelos moradores locais como “trabalho sexual”, como exemplifica o depoimento de um informante adulto sobre a juventude local: “*O que acontece muito é a menina que não tem grana e para entrar no clube daqui eles (turistas) pagam a entrada, ou a bebida, isso sim, pagam*”.

Trajetórias, cenas e scripts sexuais na construção da vulnerabilidade ao HIV e ao mercado sexual

Das narrativas emergiram *trajetórias sexuais femininas e masculinas* mais “descompromissadas”, e iniciação sexual fora da lógica da conjugalidade, ou seja, como “treino” e experimentação, ancorados na noção de “fases da vida” (Heilborn, 1999a, 2006). A maioria das moças já tinha vivido várias experiências afetivo-sexuais com rapazes de idades semelhantes e com homens turistas (de cinco a dez anos mais velhos). A maioria iniciou a vida sexual com rapazes locais e com uso do preservativo. Os relatos da “primeira vez” sem preservativo incluíam na cena tanto rapazes locais como turistas. A iniciativa do uso do preservativo foi quase sempre atribuída aos parceiros.

Nas trajetórias sexuais dos rapazes, todos já tinham vivido várias experiências afetivo-sexuais com turistas, mais frequentemente garotas da mesma faixa etária que a deles. Nenhum dos jovens relatou a prática regular do sexo seguro desde as primeiras experiências sexuais. Todos já tinham tido experiências de sexo sem preservativo com parceiras esporádicas, incluindo garotas turistas e parceiras estáveis. Alguns rapazes relataram a primeira relação sexual com mulheres turistas mais velhas do que eles (até 10 anos) e afirmaram uso do preservativo. A maioria dos rapazes, como as mulheres, iniciou a vida sexual com garotas locais e não fizeram sexo seguro.

Scripts sexuais femininos

Muito frequente nas cenas narradas é a descrição de *scripts* sexuais femininos que ilustram como se dá a ampliação da vulnerabilidade às DSTs/aids no contexto do turismo:

“Eu fui para a barraca dele e a gente transou (...) Estava meio chapada, e era a primeira vez que eu estava ficando com o cara. Ele é de São Paulo (...). Passou a idéia de usar

camisinha, mas na hora foi muito rápido. E a gente tirou [o pênis de dentro da vagina]. Eu perguntei para ele se ele tinha [camisinha]. Ele falou que ia colocar, mas foi assim, foi muito rápido. (...) Depois ele colocou [a camisinha], mas já tinha penetrado (...). Eu quase nunca tenho camisinha, sabe? (...) Não sei, eu acho que é o homem que tem que ter. Não sei, eu acho meio constrangedor a gente oferecer, entendeu? Pegar e tal (...). Ele pode achar que você faz isso com todos os homens. Que você fica com muitos homens. Não sei (...)" (mulher, negra, 20 anos, Rio de Janeiro).

O "clima" da cena sexual acima: "rápido" e de "excitação", "tesão", e "chapada" (alusão à consciência alterada por álcool ou droga) concorre com o uso do preservativo. A dificuldade feminina em tomar a iniciativa de usar o preservativo está em desacordo com os *scripts* sexuais femininos mais tradicionais de passividade e ingenuidade, aceitáveis para as *performances* e atitudes ancoradas na normatividade social distinta entre os gêneros. A camisinha na bolsa ou na carteira tem sentidos muito distintos entre homens e mulheres: para eles é símbolo de masculinidade que pode ser exibida, e condiz com o *script* masculino de estar sempre em busca ou disponível para o sexo. No caso das mulheres, o risco de ser desaprovada pelo parceiro e, em última estância, o receio da desaprovação social ao portarem um preservativo na bolsa, de serem rotuladas como "promíscuas" ou "mulher que transa com vários homens", transforma-se em "auto-incriminação" e exposição às DSTs/aids.

O "clima" de romance ou de paixão "avassaladora" na interação com o turista também prejudicava a percepção da exposição às DSTs/HIV. A "paixão" e o frequente "encantamento" pelo mundo mais "colorido" dos turistas, o consumo abusivo de álcool e drogas e o constrangimento feminino de negociar o preservativo compõem-se de modo potente contra o discurso do sexo mais seguro que elas também conhecem. Mostrar-se informada e com autonomia para abordar os assuntos sexuais com diferentes parceiros, "conduzir a relação sexual" e usar o preservativo são atitudes não condizentes com o *script* feminino aceitável nessa comunidade. Algumas garotas tinham receio de agir de modo mais ativo e falavam como se o sexo não pudesse acontecer a qualquer momento ou com diferentes parceiros, mesmo que durante a entrevista elas admitissem várias experiências pessoais de contato sexual com os turistas. "Transar quando sente vontade" é condizente com o *script* masculino, não com o feminino. Para as

garotas que se permitiam transar com turistas, o encontro precisava ser mais romaneado, buscando se livrar do estereótipo de promíscuas: o amor e os planos de buscar um relacionamento estável justificariam os contatos afetivo-sexuais que seriam apressados para manejar o tempo curto para contato.

Não percebiam que seus discursos, muitas vezes, contradiziam as práticas. Por mais que vissem experiências sexuais "mais livres" se comparadas às restrições à sexualidade feminina de épocas anteriores, ainda continuavam "presas" aos sentidos tradicionais dos *scripts* femininos, em função dos quais construíam suas expectativas em relação às atitudes dos rapazes. Algumas das informantes acreditavam, por exemplo, que os rapazes turistas as viam como moças mais "ingênuas" e "inexperientes" sexualmente, "puras", portanto justificava-se não usar o preservativo, indicando que, no olhar do "outro de fora", elas eram marcadas pelos mesmos sentidos dessa normatividade mais tradicional. Nas reflexões das jovens sobre a negociação do preservativo nas *ceias sexuais* que descreviam, havia estranhamento em atribuir à mulher a responsabilidade de abordar o tema do preservativo no momento do sexo. O *script* deveria ser mais sutil: quando o homem não abordar o preservativo até a "hora H", caberá à mulher tomar a iniciativa.

O preservativo "na bolsa" nas comunidades estudadas é um passo ainda por se legitimar. Permanece também um desafio a disseminação da conversa sobre as expectativas estereotipadas e fantasiosas de mudança de vida e ascensão social a partir de um relacionamento com um turista e, não menos importante, o reconhecimento compartilhado do aumento exponencial que o uso de álcool e as drogas exerce sobre a vulnerabilidade ao sexo não protegido e à absorção no mercado sexual.

Encontramos jovens que operavam *scripts* mais emancipados dos modelos tradicionais, tais como indicar o preservativo na "hora H" como "uma coisa da mulher". Ou "ser firme" em relação a "não transar sem preservativo, "o cara aceita usar, porque não quer ficar na mão" (sem sexo). Muitas delas significavam as interações com os turistas justamente como uma forma de emancipar-se, ampliar sua rede social, acessar "outra cultura", buscando maior autonomia para seu projeto da conjugalidade e constituição familiar, tentando romper com pressões e controles por parte da moral familiar e religiosa, do "pessoal da igreja que ficam entre eles, casa primo com primo". Percebiam o namoro e o casamento com os rapazes da comunidade como restrição.

Na interação das jovens com homens estrangeiros, segundo as narrativas femininas, os turistas

estrangeiros, para “ficar” e “quem sabe namorar”, eram aqueles descritos como “turistas legais”, ou seja, seguiam um determinado *script de gênero* condizente com a identidade de cavalheiro, homem romântico, provedor de “coisas legais”. Observamos, entretanto, a polaridade entre o turista gringo *romântico e cavalheiro* e aquele que não é “legal” porque oferece dinheiro. A cena de namoro e romantismo se transforma em uma cena associada ao mercado sexual, onde a jovem passa de namorada ou “ficante” a garota de programa, para a maioria das garotas não exatamente o que almejavam.

“Nossa! A gente conhece muito gringo em (nome da cidade)! E eu... A minha irmã então, louca por gringo. A gente adora conhecer eles (...). Têm uns que são legais assim, têm uns que nem são muito. E eles costumam oferecer dinheiro para ficar, sabe? (mulher, negra, 20 anos, Rio de Janeiro).

O estudo permitiu observar diferentes graus de premeditação das jovens na busca de ganhos materiais do encontro com turistas, que podem incluir mudanças de *status* socioeconômico radicais, se a relação perdurar. Por outro lado, o custeio da bebida “na balada”, o uso de algum tipo de drogas em posse do turista, o pernoite em hotéis, a taça de champanhe ou o passeio de lancha não eram necessariamente tão constrangedores como a oferta de dinheiro, que só acontecia, na visão dos entrevistados, a partir da iniciativa inadequada do “outro”, mesmo que as jovens operassem, em algumas situações, um *script* sexual menos convencional. Numa cena narrada por uma jovem de 20 anos, ela e mais duas jovens juntas “encaram” com olhares insistentes e sorrisos um único turista de meia-idade num bar; ela sentiu-se constrangida diante da oferta de dinheiro pelo turista: “ele que se aproveitou da gente”. A jovem só percebeu que estavam sendo interpretadas como disponíveis para o sexo comercial – associado a mulheres com iniciativa – depois da proposta de “transar com as três juntas”, mediante pagamento.

Scripts sexuais masculinos

A noção de energia sexual a ser descarregada foi associada geralmente à impulsividade masculina. Assim como a classificação das mulheres em “de rua”, “galinhas” *versus* “certinhas”, “de família”, a impulsividade é um elemento dos *scripts* sexuais masculinos que aumenta a vulnerabilidade às DSTs/aids e interfere na adoção do preservativo.

“(…) a camisinha podia (usar) tava ali no bolso, mas ahhh ... a transa é uma parada meio incontrolável, vai subindo, vai subindo um calor, vai subindo e você não sabe da onde vem o negócio e se o cara não tá pensando legal mesmo, ele transa sem camisinha, ele esquece da coisa e ... Ainda mais doidão, doidão que esquece mesmo... (..) Não (usei preservativo) porque assim... Não era menina assim de rua, era menina que quase nem saía de casa. Não tinha doença” (homem, branco, 24 anos, Rio de Janeiro).

Na lógica que divide as mulheres entre as “de confiança” e as “sem-vergonha” a turista podia ser percebida tanto como “uma desconhecida” ou “mulher só pra ficar ou pra transar”, sobre cujo “histórico sexual” tinham poucas informações ou, ao contrário, tinham-na como uma “pessoa legal”, “amiga”, “de confiança”, “gente boa”. A necessidade de usar o preservativo foi associada com o primeiro tipo de turista e pouco com o segundo tipo. Os rapazes não faziam planos de relacionamentos duradouros com as turistas e tendiam a achar que as mulheres locais, por serem “conhecidas”, eram “melhores pra casar”. *Conhecer a mulher* implicava ter conhecimento sobre sua história sexual pregressa. A vulnerabilidade dos rapazes ao sexo sem proteção é expandida por noções como essas, baseadas em estereótipos, que ocupam o centro da atenção do sujeito.

Outros atributos da masculinidade, já observados em outros contextos e cenários sexuais (Guerriero, Ayres & Hearst, 2002; Paiva, 1999, 2000, 2002b; Santos & Paiva, 2007a; Villela & Doretto, 2006), tais como os imperativos: “catar as garotas”, aproveitar os contatos com as turistas como oportunidades para o sexo, “não se controlar”, agir sexualmente conforme os “instintos”, buscar ativamente o sexo, estar *sempre* disponível à sedução das mulheres (incluindo as turistas), não “negar fogo e ser ponta firme”, nos termos dos jovens, contribuem para aumentar sua vulnerabilidade às DSTs/aids. Os imperativos e a excitação sexual masculina significada como *hormônios que sobem* e precisam *ser descarregados* competem com a *consciência, ser racional, ter controle e se segurar*, em oposição à “impulsividade” masculina prevista no *script* “do catador”.

Com relação à vulnerabilidade ao mercado sexual, apenas os rapazes das comunidades litorâneas do Rio de Janeiro descreveram cenas em que recebiam propostas para realizar diferentes tipos de serviços sexuais, mais frequentemente advindas de homens

homossexuais. A cultura machista e homofóbica se impõe ao *script* sexual masculino, em que a normatividade heterossexual é extremamente saliente. Deste modo algumas narrativas, ao mesmo tempo que justificavam as trocas de serviços sexuais pela oferta de altas quantias, não conseguiam detalhar as cenas; negavam quaisquer contatos afetivo-sexuais com outros homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados permitem compreender o modo como o turismo atravessa as trajetórias dos(as) jovens monitores(as) ambientais e de suas comunidades, assim como de suas cenas sexuais. As cenas levantadas neste estudo indicaram que, como em outros cenários sexuais, uma mesma pessoa, em fases diferentes da vida ou diferentes cenas e contextos intersubjetivos, ora vivia sua experiência sexual mais *sujeitável* ao desejos de terceiros e aos *scripts* para o sexo nos quais foi socializada, ora agia com maior autonomia e como *sujeito sexual* (Paiva, 1999, 2000). Conforme sua trajetória de vida, seus parceiros, o enredo da cena, sentimentos, expectativas e planos, tinham maior ou menor êxito no enfrentamento cotidiano da vulnerabilidade ao sexo sem proteção.

Os *scripts* sexuais marcados pelo gênero, embora semelhantes aos observados em outros contextos e cenários sexuais, são manejados de modo singular no cenário sexual no contexto do turismo, interferindo na dinâmica da vida afetivo-sexual, e merecem ser considerados na sua especificidade pelos trabalhadores da prevenção. As relações de gênero nesse contexto singular para as interações sócio-sexuais entre jovens moradores locais e turistas são marcadas pela desigualdade de *status* socioeconômico (nem sempre experimentado na vida cotidiana dos turistas), são temperadas pelas diferenças de cor/etnia e de nacionalidade, especialmente onde observamos a forte presença do turismo internacional.

As interações sócio-sexuais de jovens com turistas se iniciam marcadas por estereótipos, sendo o turista associado ao dinheiro que facilita a sobrevivência da economia local e financia passeios e “baladas”, e o caçara, associado o duplo atributo do erótico e do exótico, conferindo virilidade e sensualidade. Nesse contexto, o sexo aumenta seu valor como moeda de troca e de favores. A noção de “mercado do sexo” proposta por Piscitelli (2005) parece mais apropriada

para descrever o que observamos, na medida em que reconhece que a oferta e demanda de sexo e sensualidade “*não necessariamente assume a forma de um contrato explícito de intercâmbio entre sexo e dinheiro*” (p. 8).

O “*script* de turista”, por outro lado, inclui fenômenos como a “inversão comportamental” (Burns, 2002; Ross, 2001), caracterizada pela tendência das pessoas, em viagem de lazer, a desenvolverem atitudes “exageradas” (por exemplo, consumir mais álcool) ou de “abrandamento”, diminuindo os comportamentos de cuidado à saúde (por exemplo, “esquecer” de usar preservativo), uma espécie de relaxamento no cumprimento de regras costumeiramente praticadas, inclusive das que constroem as relações raciais.

A relação com um “outro muito diferente” é relevante para a compreensão de desejos, escolhas e decisões. Por outro lado, as relações mais desiguais - por exemplo, entre “homem rico estrangeiro” e “homem pobre brasileiro” - contribuía para que os jovens estivessem em contextos mais vulneráveis à exposição às DSTs/aids, ou ao abuso, ao se colocarem como “objeto dos desejos e *scripts* sexuais dos outros” (Paiva, 2000, p. 51).

O turismo na periferia do capitalismo, ou seja, nos países mais pobres, tem se tornado um agente reforçador de estereótipos culturais e lingüísticos e de preconceitos raciais presentes no estabelecimento de uma relação de dependência da comunidade local para com a atividade turística. A necessidade de sobrevivência econômica dos moradores e sua constituição enquanto mercadoria, por meio da reprodução das relações servis no âmbito do trabalho, explicam parte da dinâmica. Além disto, a “lente” que imprime exotismo aos aspectos da cultura local instiga a “venda” ou a disponibilização banalizada, acrítica ou alienada da sexualidade da população local como produto ou serviço da economia turística. Desse modo, tanto as paisagens quanto as pessoas que ali moram compõem o “pacote mercadológico” presente no imaginário social atual acerca do turismo (Ouriques, 2005). Associada às representações do turismo e do litoral, a sexualidade também se constitui em mais um atrativo turístico, em benefício da comunidade local ou para seu prejuízo, a depender de como as lideranças e formuladores de políticas públicas municipais se posicionem, como demonstrado por Benzaken, Galban, Sardinha e Paiva (2007).

O cenário sociocultural no contexto do turismo constrói um cenário sexual singular e a dinâmica dos *scripts* sexuais nesse contexto tem dimensões teórico-práticas que representam desafios à qualidade das abordagens de prevenção junto às comunidades anfitriãs de turismo. A abordagem da intersubjetividade em cena permitiria lidar com a estruturação sociocultural das práticas sexuais, seus sentidos e significados, com essa dimensão necessariamente psicossocial das interações sócio-sexual. Sabemos quão pouco valorizadas têm sido essas dimensões pelo discurso e ações concretas de profissionais da rede de saúde responsável pela promoção da saúde e controle da epidemia de aids nesses municípios (Bellenzani, 2008). Esse estudo pretendeu contribuir nesse sentido.

REFERÊNCIAS

- Ayres, J. R. C. M., Junior, I. F., Calazans, G. J., & Saletti Filho, H. C. (2003). O Conceito de Vulnerabilidade e as práticas de saúde: novos desafios e perspectivas. Em D. Czeresnia & C. Machado Freitas (Orgs.), *Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências* (pp. 116-138). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Barreto, M. (2003). O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. *Horizontes Antropológicos*, 9(20), 15-29.
- Benzaken, A. S., Galban, E., Sardinha, J. C., & Paiva, V. (2007). Intervenção de base comunitária para a prevenção das DST/Aids na região amazônica, Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 41, 118-126.
- Bellenzani, R. (2008). *Sexualidade entre jovens das comunidades anfitriãs de turismo: desafios para a prevenção das DST/HIV e o Programa Saúde da Família*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Blessa, C. (2008). *Interações afetivo-sexuais no contexto do turismo e a vulnerabilidade às DST/Aids: um estudo em comunidades caiçaras do litoral sul de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Programa Pós-graduação em Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Burns, P. M. (2002). *Turismo e antropologia: uma introdução*. São Paulo: Chronos.
- Castro, C. (1999). Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. Em G. Velho (Org.), *Antropologia Urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal* (pp. 80-87). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Coriolano, L. N. M. T., & Silva, S. B. De M. (2007). Turismo: prática social de apropriação e dominação de territórios. Em L. N. M. T. Coriolano & F. P. Vasconcelos (Orgs.), *O turismo e a relação sociedade-natureza. Realidades, conflitos e resistências* (pp. 44-56). Ceará: Editora da Universidade Estadual do Ceará.
- Gagnon, J., & Simon, W. (1973). *Sexual Conduct: The Social Sources of Human Sexuality*. Chicago: Aldine.
- Guerriero, I., Ayres, J. R. C. M., & Hearst, N. (2002). Masculinidade e vulnerabilidade ao HIV de homens heterossexuais. *Revista de Saúde Pública*, 36(4 suplemento), 50-60.
- Heilborn, M. L. (2006). Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. Em M. L. Heilborn, E. M. L. Aquino, D. R. Knauth & M. Bozon (Orgs.), *O aprendizado da sexualidade – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros* (pp. 29-57). Rio de Janeiro: Fiocruz & Garamond Universitária.
- Heilborn, M. L. (1999a). Construção de si, gênero e sexualidade. Em M. L. Heilborn (Org.), *Sexualidade: o olhar das ciências sociais* (pp. 40-58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Heilborn, M. L. (1999b). Corpos na cidade: sedução e sexualidade. Em G. Velho (Org.), *Antropologia Urbana* (pp. 93-102). Rio de Janeiro: Zahar.
- Moraes, A. F. (1998). Prostituição, trocas e convites sexuais na adolescência feminina pobre. Em C. Bruschini & H. B. Hollanda (Orgs.), *Horizontes pluraís: novos estudos de gênero no Brasil* (pp. 15-50). São Paulo: Ed. 34.
- Ouriques, H. R. (2005). *A produção do turismo. Fetichismo e dependência*. Campinas: Alínea.
- Paiva, V., Santos, A. O., Blessa, C., Bellenzani, R. (2007). Cenários de vulnerabilidade ao HIV/Aids no contexto do turismo: envolvimento afetivo-sexual, mercado do sexo e uso de álcool e outras drogas em comunidades caiçaras do litoral sul de SP e RJ. (Relatório de Pesquisa). São Paulo: CNPq.
- Paiva, V. (2006). Analyzing sexual experiences through 'scenes': A framework for the evaluation of sexuality education. *Sex Education*, 4(5), 345-359.
- Paiva, V. (2002a). Sem mágicas soluções: a prevenção e o cuidado em HIV/AIDS e o processo de emancipação psicossocial. *Interface - Comunicação, Saúde e Educação*, 6(11), 25-38.
- Paiva, V., Buchalla C. M., Ayres J. R. C. M., & Hearst N. (2002b). Capacitando profissionais e ativistas para avaliar projetos de prevenção do HIV e de Aids. *Revista de Saúde Pública*, 36(4 suplemento), 4-11.
- Paiva, V. (2000). *Fazendo arte com camisinha*. São Paulo: Summus.
- Paiva, V. (1999). Cenas sexuais, roteiros de gênero e sujeito sexual. Em R. M. Barbosa & R. Parker (Orgs.), *Sexualidades pelos avesso: direitos, identidades e poder* (pp. 249-269). Rio de Janeiro: Editora 34.
- Parker, R. (1991). *Corpos, prazeres e paixões*. São Paulo: Best Seller.
- Parker, R., & Aggleton, P. (1999). *Culture, society and sexuality: A reader*. London: Taylor & Francis.
- Piscitelli, A. (2005). Apresentação: gênero no mercado do sexo. *Cadernos Pagu*, 25, 7-23.
- Ross, G. F. (2001). *Psicologia do turismo*. São Paulo: Contexto.
- Santos, A. O., & Paiva, V. (2007a). Vulnerabilidade ao HIV: turismo e uso de álcool e outras drogas. *Revista de Saúde Pública*, 41(2 suplemento), 80-86.
- Santos, A. O., & Paiva, V. (2007b). Vulnerabilidade ao HIV/Aids e os desafios da prevenção em comunidades anfitriãs do turismo. Trabalho apresentado no *X Encontro Nacional de Turismo com Base Local*. GT – Impactos ambientais, sociais e culturais do turismo. João Pessoa, UFPB. Recuperado em 12 de fevereiro, 2008, de http://www.usp.br/nepaids/alessandro_vera_vulnerabilidade.pdf

Santos, A. O. (2004). *Turismo e saúde comunitária: intervenção e pesquisa no Vale do Ribeira, São Paulo, Brasil*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Villela, W. V., & Doreto, D. T. (2006). Sobre a experiência sexual dos jovens. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(11). Recuperado em 24 de outubro de 2007, de <http://www.scielosp.org/>

[scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2006001100021
&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2006001100021&lng=pt&nrm=iso)

Recebido em 27/06/2008

Aceito em 18/08/2008

Endereço para correspondência : Renata Bellenzani. Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids/Instituto de Psicologia. Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Cidade Universitária, CEP 05508-030, São Paulo-SP. *E-mail:* renatabellenzani@hotmail.com